

O MENSAGEIRO

JORNAL ACADÉMICO DO LICEU DE D. MANUEL II

(Ao abrigo do Art. 445 do Decr. 36.508)

ISTO É CONVOSCO!

As coisas que interessam mais à nossa vida nem sempre são as que mais facilmente se vêem. Aqui estamos a batalhar num assunto que até hoje poucos alunos deste Liceu tomaram a peito, e que no entanto nos interessa vitalmente.

Haverá algum de vós que esteja absolutamente certo de que terá um futuro garantido, um emprego bem remunerado, conforto, segurança? Não, nenhum de vós tem o futuro garantido na mão. É claro que cada qual pensa em acautelar-se com os seus próprios meios, os da sua família e relações. Mas nada disso é seguro. E contudo depende de todos nós, depende de cada um de nós, aumentar consideravelmente as probabilidades de vida feliz. É a ocasião para perguntar: interessa-vos isto?

Se vos interessa, pensai um pouquinho. Para evitar grandes males, basta às vezes pensar, e fazer pensar, um pouco. Reparai que fazeis parte de um povo, de um conjunto de oito milhões de pessoas (sem sair da Europa). Reparai que as vossas oportunidades individuais de uma boa profissão e de uma vida confortável dependem do nível de vida e de civilização do povo a que pertenceis. E porquê? Por isto: porque não poderão abundar as boas oportunidades de colocação e conforto se daqui a 5, 10, 15 anos, ou quando quer que tiverdes de ganhar a vossa vida, a indústria portuguesa, a agricultura portuguesa não tiverem progredido rapidamente. Pois não é verdade que cada qual de nós vive daquilo que, no seu conjunto, o País produz? E poderá estar devidamente preparado para produzir ao máximo um País de oito milhões de pessoas onde não existam ainda dois milhões de pessoas com a habilitação mínima da 3.^a classe elementar? De que poderão viver razoavelmente doutores, engenheiros, funcionários, etc., se o rendimento do País não crescer, graças aos recursos hoje praticamente ilimitados da ciência? E como crescerá esse rendimento se aqueles que trabalham na terra, na fábrica, na oficina não souberem servir-se de uma técnica cada vez mais aperfeiçoada? Para que servem os agrónomos se, por ignorância, os lavradores não recorrerem aos seus conselhos, ou nem sentirem sequer a necessidade de os consultar? De que servem os médicos em terras cujos doentes, por ignorância ou baixo rendimento familiar, se retraem

deles, preferindo, em último caso, as *bruxas* ou *mulheres de virtude*? A quem há-de vender o comerciante, se não houver fregueses por falta de poder de compra, devido ao atraso técnico da produção económica?

Sim, colegas, o problema de elevar o nível cultural da Nação é connosco. Cada um de nós sentirá, em maior ou menor grau, as consequências do que hoje se fizer nesse sentido. Tanto mais que Portugal não vive isolado no mundo. Vive em concorrência com muitos outros povos. Em muitos dos mais atrasados desses povos estão hoje a aprender na escola milhões e milhões de pessoas cujos pais ou avós eram analfabetos. E nos povos mais adiantados o mínimo de frequência escolar oscila entre 6 e 10 anos. Ora o esforço que se nos pede agora não é excessivo; trata-se apenas de alfabetizar, de preparar para a 3.^a classe a maioria dos portugueses válidos de ambos os sexos.

Para dar uma ideia de como tais problemas se resolvem bem quando há autêntico patriotismo e capacidade de iniciativa criadora, basta pensar assim: Se cada português alfabetizado, em média, levasse outro português, cada ano, ao primeiro exame primário, o problema, tal como nos é posto pela actual Campanha de Educação de Adultos, seria resolvido em dois anos, visto que os, aproximadamente, dois milhões actuais de aprovados na 3.^a classe passariam para quatro milhões no primeiro ano, e para oito no segundo. É claro que o problema não se resolverá assim. Isto serve só para dar uma ideia de como, mais uma vez, *muitos poucos fazem muito*.

Este Liceu, de acordo com um plano que o Ex.^{mo} Sr. Reitor está preparando, vai dar o seu contributo, talvez modesto mas em todo o caso educativo, para a tarefa urgente de valorizar a cultura de cada português. O *Mensageiro* já vos chamou a atenção para este assunto no n.º 12.

O que então vos dissemos era claro como água. Por agora basta que penseis um pouco no que aí, e aqui, ficou dito; e que façais uma coisa que não requer grande organização, nem grande dispêndio, nem grande sacrifício. Trata-se do seguinte: ou pessoalmente, ou por intermédio de uma pessoa de vossa

(Continua na página 8)

O Grande problema imposto pela energia atómica

Constituiu um precioso aviso para a humanidade a alocação feita no Domingo de Páscoa por sua Santidade Pio XII, na qual falou do iminente perigo que nos ameaça: o perigo das descobertas sobre a energia atómica, quando como agora, são aproveitadas para fins bélicos.

— «A ansiedade e o temor dum 3.º conflito mundial, de um futuro tremendo à mercê de novas armas destruidoras, de violência inaudita—disse S. S.— de ano para ano aumenta para os Povos.

Incitou em seguida os investigadores da física nuclear a que contribuissem para o progresso pacífico e criador da humanidade, dizendo:

— «Quando decidirão os sábios do mundo consagrar as descobertas admiráveis das forças profundas da matéria exclusivamente para fins pacíficos, a fim de darem à actividade humana uma energia a preço modesto, energia essa que remediará a desigual distribuição geográfica das fontes de bens e de trabalho e oferecerá novas armas à Medicina e à Arquitectura, e novas fontes de prosperidade e bem estar aos povos?»

O Sumo Pontífice preconizou também a realização de acordos internacionais que possam acabar com a corrida aos armamentos atómicos.

Esta mensagem de Pio XII importa não só a todos os católicos, mas também áqueles que não o são. Importa-nos também a nós, portugueses, pois não fazemos excepção à regra. O nosso país tem como máxima extensão 570 Km; bastaria cair uma das mais potentes bombas de hidrogénio, já experimentadas, na Galiza ou Madrid, para destruir Portugal inteiro. Isto, contando apenas com o poder que a bomba de hidrogénio tem actualmente. No entanto, é possível aumentar o seu poder indefinidamente. Mais ainda: S. Santidade referiu-se a armas capazes por meio de isótopos artificiais radioactivos, de impregnar a atmosfera, o terreno, os próprios oceanos, longe dos lugares atingidos pelas explosões termo-nucleares, ameaçando a geração humana. Como exemplo, temos os desgraçados pescadores japoneses, cujo barco se encontrava a grande distância do local do última explosão atómica, realizada numa ilha do Pacifico, e

que foram atingidas por poeiras radiactivas, estando agora condenados a morrer de uma forma incurável de anemia. No próprio arquipélago do Japão e em certas ilhas da Polinésia se têm feito sentir efeitos radioactivos, cujas consequências são imprevisíveis.

O próprio globo poderia ser destruído quase completamente, por meio de uma bomba de cobalto, que, se explodisse, extinguiria a vida na Terra, tanto vegetal como animal, convertendo-a num lugar sem vida, inóspito e estéril.

E o Papa ainda se referiu ao poder que hoje o homem tem de criar bactérias até agora desconhecidas e lançá-las por meio de correntes aéreas para determinados países, que seriam aniquilados por doenças incuráveis e desconhecidas.

Contudo, não é caso para desesperar, pois a energia atómica tem um poder enorme, capaz de reverter para fins pacíficos.

Já se conseguiu, como se sabe, construir um submarino movido por energia atómica.

Pois bem: se se conseguiu domar a energia atómica de maneira que ela se transformasse em força motriz, isso quer dizer que podemos estar em vésperas de uma subida enorme do nível de vida do homem.

Encontramo-nos numa ocasião única que a história nos oferece. Ou homem decide pela guerra, e então estamos perante uma situação gravíssima; ou pelo contrário, se salva a paz, e então, como salientou S. Santidade, no encaminharemos para um estágio de civilização que ultrapassa todos os sonhos mais idealistas dos antigos. Portugal encontra-se numa situação magnífica, neste último caso, pois figura entre os 8 países que actualmente têm mais reservas de urânio e, portanto, mais facilidade de obter energia atómica. Prevendo isto, criou-se no nosso país um centro de estudos termo-nucleares, que pode contribuir imenso para a subida do nível económico e de cultura em Portugal. Nunca as perspectivas de futuro foram tão ridentes para o nosso país como agora — se os homens souberem viver em paz.

Carlos de Campos Morais
(4.º ANO)

O MENSAGEIRO

PROFESSOR ORIENTADOR: DR. ÓSCAR LOPES

CORPO ADMINISTRATIVO

Vitor Alegria (7.º ano)
Vieira de Castro (7.º ano)
Joaquim Tavares (6.º ano)
Francisco Pacheco (6.º ano)
Carlos Medureira (5.º ano)

Carlos Morais (4.º ano)
Mota Freitas (4.º ano)
Celso Pereira (3.º ano)
Ferreira Costa (2.º ano)
Julio Carejeira (1.º ano)

CORPO REDACTORIAL

José Seabra (7.º ano)
Belmiro Guimarães (7.º ano)
Eduardo Pinho (7.º ano)
M. Helena Nogueira (6.º ano)
Jorge Araujo (5.º ano)

Pinheiro Torres (5.º ano)
Sarsfela Cebra (5.º ano)
César Augusto (5.º ano)
José Aranha (4.º ano)
Jorge Branco (2.º ano)

DESPORTO

AS RAIZES DO MAL...

... do desporto português têm sido frequentemente apontadas, sem que até hoje se tenha feito a menor tentativa para as debelar. Muitos críticos com responsabilidades, em publicações de maior ou menor expansão, têm abordado a questão, pugnando essencialmente pela redução na idade legal para a prática do futebol.

Não nos interessa discutir até que ponto a sotificação dos seus desejos contribuiria para a resolução do problema. O que nos parece necessário é radicalizar tais pedidos e lutar pela obrigatoriedade do exercício da Educação Física nas escolas primárias e intensificação da mesma prática nos liceus e escolas técnicas.

A ideia ora exposta, brotou já de pessoas competentes, sendo indubitavelmente bem acolhida e... nada mais.

Não pretendo gizar planos, mas num período em que o país se envolve na luta de alfabetização, seria consolador ver levar a efeito análoga campanha de divulgação das vantagens do desporto. Evidentemente que tal campanha se destinaria aos não frequentadores de estabelecimentos de ensino oficiais, convencendo-os da utilidade de ingressarem em clubes, onde lhes seria facultado praticar qualquer ou quais quer modalidades.

No caso das crianças e restantes jovens, a solução parece-nos ainda mais fácil. Nas escolas secundárias não seriam demais três aulas semanais de Educação Física, ou então o prolongamento da duração das actuais aulas, já que aluno, com a chamada, despir e vestir, não dispõe de muito mais que meia hora para se entregar ao desporto.

De qualquer modo, o que é preciso é encarar seriamente o assunto, dando à preparação física da mocidade a mesma importância que se dá à sua preparação intelectual. Na maioria dos países assim se procede, e custa-nos verificar quanto o nosso desporto se apaga em confronto com o da Suécia, nação que populacionalmente nos não supera.

Mais palavras não adiantam; resta agir, que o problema e respectiva solução são por demais conhecidos.

Não duvido de que se agirá. Mas quando? Não quero também deixar de aludir ao que se tem feito pela propagação do xadrez nos meios escolares.

Nada. Enclusivamente só este ano a Mocidade Portuguesa se lembrou de organizar centros especializados daquela modalidade, que, mesmo assim, não vão além de três.

Se é confrangedor verificar que só este ano algo se fez, não é menos doloroso constatar que só em Lisboa, Porto e Setúbal o xadrez é praticado, e por poucos.

OQUEI EM PATINS

Liceu de Alexandre Herculano, 10

Liceu de D. Manuel II, 2

Para o torneio da M. P. encontraram-se estes dois grupos, no "rink" do Lima.

Com 4-0 ao meio tempo, na 2.^a parte os vencedores concretizaram o seu franco domínio na obtenção de seis bolas, sofrendo duas. Gaioso, no 1.^o minuto, fêz 1-0 para, até ao fim dos primeiros 15 minutos, Jonas marcar aos 3, 8 e 10 minutos.

No reatamento, Carvalhais aumentou a contagem aos 2 minutos. Seguidamente Jorge desperdiçou duas grandes penalidades consecutivas, voltando Gaioso a marcar.

Silveira reduziu para 6-1, Celso para 6-2, de penalty, e Gaioso, Carvalhais, por duas vezes, e Jonas fixaram o resultado.

As equipas:

L. D. Manuel II — Gouveia; Celso, Jorge, Guedes e Silveira. (Cerejeira a sexto).

Cerejeira e Guedes (enquanto jogou) péssimos. Gouveia, Celso e Silveira sofríveis, e Jorge muito bom. Conjunto fraco e muito lento.

L. A. Herculano — Guedes; Maia Lima, Gaioso, Jonas e Carvalhais.

Defesa com pouco trabalho e os atacantes com a acção pouco dificultada. Jonas teve dois golos bonitos, trazendo a bola desde a defesa. Carvalhais bom

E. Consciência

No entanto o xadrez impor-se-á, porque as suas qualidades de disciplina e ginástica intelectual lhe trarão inúmeros adeptos.

Concluindo, só me resta repetir a ideia que ditou estas linhas: o mal do nosso desporto é perfeitamente curável. Mas a indiferença não o cura...

Eurico Consciência

No seu próprio interesse faça as suas compras

NA

Papelaria
Livraria - Tipografia



Perfumaria e
Artigos Fotográficos

Rua de Serpa Pinto, 44—PORTO
(Junto ao Liceu Carolina Michaelles)

SECÇÃO DE VENDA E ALUGUER DE :

* ARTIGOS PARA CINEMA DE AMADORES
DISCOS-AMPLIFICAÇÕES SONORAS E APARELHOS DE T. S. F. *

Brindes a todos os compradores dum mínimo de 5\$00.

NOTA—Todos os estudantes portadores deste anúncio que fizeram as suas compras até ao fim do mês de Maio corrente, além dos brindes normais, tem desconto nas compras que efecturem na PAPELARIA QUEIROZ

C I N E M A

VITTORIO DE SICA

VITTORIO DE SICA nasceu em Sora, a 7 de Julho de 1902 Estudou Direito na Universidade de Roma e ingressou numa companhia teatral. Do teatro passou ao cinema, sendo o actor preferido do realizador Mario Camerini. «La Segretaria per tutti» (1932), «Gli Uomini, che Mascalzoni» (1932) e «Doro um Milione» (1935), são os principais filmes desta primeira fase da sua carreira cinematográfica.

Em 1940, inicia-se na realização de filmes, dirigindo «Due Dozzine di Rose Scarlatte» e «Madalena, zero em comportamento» que, como é natural, acusam certa inexperiência.

Dos três filmes seguintes, «Teresa Venerdi» (1941), «Un Garibaldino al Convento» (1942), e «I Bambini ci guardano» (1943) nenhum veio a Portugal Segundo o crítico e cineasta Antonio Pietrangeli «I Bambini ci guardano» é o melhor filme que De Sica realizou até 1943.

A ocupação de Roma pelas tropas alemãs não impediu De Sica de filmar «A Porta do Céu» (1944). Esta película, que não é das mais perfeitas do celebrado realizador italiano, tem por tema uma peregrinação ao santuário do Loreto. De Sica põe-nos em contacto com a vida de quatro dos peregrinos e com os problemas que ela lhes apresenta.

Em «Sciuscia» (1946), que também não foi exibido no nosso país, ocupa-se dos jovens delinquentes. Pietrangeli considera este filme como «uma etapa importante no desenvolvimento perfeitamente coerente da personalidade de Vittorio de Sica.»

«Ladão de Bicicletas» (1948) é a sua obra prima. A história simples de um modesto operário a quem roubaram a bicicleta indispensável ao seu trabalho, é narrada superiormente por De Sica. A luta desesperada desse operário pela recuperação da sua bicicleta, que para ele representava a possibilidade de sustentar a família, empolga o espectador e obriga-o a tomar parte activa nessa mesma luta. Lamberto Maggiorani (como Bruno, o filho daquele) não obs-



VITTORIO DE SICA

(Gravura gentilmente cedida pelo «Jornal de Notícias»)

O Cinema no Liceu

Ir ao cinema é hoje em dia um hábito generalizado e universalmente adquirido.

Mas o cinema não é só uma diversão. Com ele se aprendem muitas coisas e, assim, pode ser igualmente um meio de obter conhecimentos. Por esta razão está sendo cuidadosamente planeada neste Liceu a organização regular de sessões de cinema para todos os alunos, com fitas apropriadas, tendo em vista sobretudo proporcionar um meio de recreação dentro das normas morais do ensino e ao mesmo tempo contribuir para a cultura geral dos educandos.

Para chegarmos a este objectivo é fundamental possuir uma máquina de projecção. De princípio será possível obter por empréstimo ou alugar um projector, mas está já prevista a aquisição de um aparelho de forma a dotar o Liceu com meios necessários à execução deste projecto.

Como as fitas em parte terão de ser alugadas, possivelmente virá a ser necessário que todos os alunos contribuam com uma pequena cota para a amortização das despesas.

A máquina que se pensa adquirir é transportável, e isso trará ainda a vantagem de a poderem levar para qualquer aula e completar determinadas lições com a projecção de filmes apropriados, para o que se conta com a cedência de películas das cinematecas, dos Institutos Britânico e Francês, consulados da América e Canadá e Ministério da Agricultura.

Espera-se que esta iniciativa tenha entusiástico acolhimento por parte de todos, visto que todos beneficiarão dela e colocarão o Liceu de D. Manuel II em pé de igualdade com os estabelecimentos de ensino congêneres do estrangeiro.

Segundo um trabalho do professor Mário de Vasconcelos e Sá apresentado no 4.º Congresso Pedagógico do ensino secundário oficial, realizado em Braga em 1930, já nessa altura 81% das escolas dos Estados Unidos utilizavam o cinema como agente de educação e ensino. Em França havia já cerca de 20.000 projectores cinematográficos em serviço nos estabelecimentos escolares.

Isto basta para mostrar a importância que no estrangeiro é dada ao cinema.

Devemo-nos alegrar à ideia de que o nosso Liceu pode acompanhar o progresso.

Foi constituída entre os nossos colegas, superiormente orientados pelos professores Dr. Joaquim Lopes e Dr. Oscar Lopes, uma comissão que se incumbirá de organizar as futuras sessões de cinema, quer recreativas, quer culturais.

ALEXANDRE ALVES COSTA



PORTO
EDITORA
LIMITADA

Praça D. Filipa de
Lencastre, 42

P. O R T O

PREÇO 70\$00

Continua na página 8)

Homenageando Carolina Michaëlis

A oito de Abril, as antigas alunas do Liceu de Carolina Michaëlis congregaram-se no Coliseu do Porto para honrar a memória do grande vulto de que a casa onde estudaram tem o nome.

Festa de «velhas» em que as novas tiveram larga representação! E ainda bem! Às ex-alunas se fica devendo a organização do sarau; às actuais contributo decisivo para o êxito do mesmo.

A sessão abriu com as palavras da Ex.^{ma} D. Marina de Oliveira Sá Machado, que enalteceu a «mulher sábia» homenageada e lembrou a boa vontade que a todas foi necessária para a efectivação deste sarau artístico. Atendesse-se a que muitas das que naquela noite pisavam o polco eram mães, donas de casa e profissionais, de qualquer modo pessoas com afazeres.

O público ouviu em pé o Hino Nacional, para logo escutar com prazer crescente o orfeão liceal. Numa audição que incluía Haydn, Manuel Tino, Ema Salgado, Francisco Lacerda e Tomás Borba, «Dobadoira» e «Vai devagarinho», respectivamente do segundo e do último, grangearam maior número de aplausos.

Composições de Borba e Ema Salgado, uma cantiga folclórica e uma melodia do século XIII foram seguidamente cantadas por um grupo de ex-alunas.

Se a execução das actuais alunas foi boa, a das antigas foi menos razoável. Em «Moro à beira do Mar» foram mesmo infelizes.

Mas parece-nos que, neste caso, interessa mais o que se fez do que o modo como foi feito. Assim o compreendeu a assistência, que não negou palmas às orfeonistas.

A fechar a primeira parte, os dois orfeões fizeram-se ouvir em conjunto, ainda dirigidos pela Ex.^{ma} Pr.^a D. Isaura Queirós.

Continuou o espectáculo o Teatro Clássico Universitário do Porto, com três «Cenas da Noite dos Reis», de Shakspeare, encenadas e adaptadas pelo Dr. Correia Alves.

Vitor Ribeiro de Moura (Sir Toby), Nuno Pinto Grande (Bobo), Perpétua Pinto (Maria), Alberto da Costa Parente (Malvólio), Maria Cândida Gonzalez (Olívia) e Armando e Horácio Salgado Rodrigues (Arautos) foram os intérpretes.

Vitor Moura e Perpétua Pinto sobressaíram. Cândida Gonzalez fez pouco e Alberto Parente ouviu-se mal.

Agradaram, o mesmo se devendo dizer do Teatro Cénico do Liceu, que a ex-aluna Ex.^{ma} Sr.^a Dr.^a Maria Rocha Marques dirigiu.

Foi representada a farsa vicentina «O juiz da Beira», que Olívia Vasconcelos e Sá, Branca Geraldes, Florinda Vieira, Fernanda Monteiro e Helena

Monteiro interpretaram. Salientem-se o «Preguiçoso» e o «Bailador», Maria F. Monteiro.

Dos números de dança que se seguiram, a «Dança do Tear», graciosa, «Pauliteiros», vistosa e difícil, e «Corridinho», com acompanhamento a acordeon por Odete Pinto e Rosalina Araújo, foram os mais aplaudidos.

Pena foi que o adiantado da hora não permitisse bisá-los. Só a «Dança do Tear», executada por antigas alunas, o foi.

D. Maria Eurydice Nunes disse com à vontade versos da sua autoria.

Maria Fernanda Monteiro recitou uma cena de «L'Avare» de Molière, que já lhe tínhamos ouvido. Dessa vez rendemos-lhe francos elogios. Agora repetimo-los.

Lia Sampaio declamou bem «Asas brancas», de Garrett, depois do que D. Marina Sá se fez ouvir em «Alma minha gentil», de Camões, e «Presença», da sua autoria.

A quarta e última parte do programa foi preenchida pelas vozes de Rui de Mascarenhas e Maria de Lourdes Resende, que a Emissora Nacional, querendo associar-se à homenagem, enviou ao Porto propositada e desinteressadamente.

O primeiro, à parte censurável exagero de atitudes, agradou em absoluto. Interpretou quatro canções, de que «Il est un coin de France», que conhecem na voz de Luís Mariano, «Le petit train» e «Peço Perdão», de Carlos Canelhas, merecem realce.

Maria de Lourdes Resende, à arte do seu colega, juntou uma simpatia radiante. Muitíssimo aplaudida, sobretudo em «Alcobaça» e «Mulher pequenina», aliás composições muito conhecidas.

Restá dizer que os Bombeiros Voluntários estiveram presentes na festa em honra de Carolina Michaëlis, para cujo êxito contribuiu a orquestra de Rezende Dias.

A apresentação e locução do espectáculo esteve a cargo da antiga aluna D. Elisa de Carvalho, para quem o microfone desde há muito não tem segredos.

Reportagem de:

Eurico Consciência e Eduardo Pinho

ESCLARECIMENTO

Por officio dirigido ao Director do Centro Escolar n.º 7, pelo Director do Centro Escolar n.º 6 (Liceu de Alexandre Herculano), foi-nos comunicado que ali não funciona nenhum clube cinematográfico.

Aqui fica a rectificação pedida.



Carolina Michaëlis
(Gravura gentilmente cedida pelo «Jornal de Notícias»)

Conto de: **Rufino
Vieira**

Era uma melodia doce e repousante, que falava de amor e lembrava coisas belas. Para a ouvir os homens deixaram de falar e, olhando o rádio, pousado numa prateleira, ficaram suspensos. Num acorde longo, a melodia findou, o encanto desfez-se, o silêncio quebrou-se.

— Uma caneca, ti João.

— Outra para mim.

O ambiente estava pesado de fumo e de cheiro a vinho. Encostados ao balcão forrado de zinco os homens bebiam.

Nagosa é terra pobre, os alcantis da serra guardam poucas migalhas de terra arável, e só lá em baixo no vale, junto ao rio, há meia dúzia de prados e de hortas a que o rio dá frescura e viço.

a fábrica

Na taberna, os homens falam. Cá fora, o vento faz ramalhar intensamente as carvalheiras do adro. Uma ponta de vento esgueira-se pela porta, abana a lâmpada mortiça, faz sacudir as sombras.

Os homens falam. Timóteo, lavrador que foi soldado e sabe escrever, lembra depois de limpar o fundo a uma caneca:

— Vocês já se lembraram se os da fábrica fazem como há 2 anos, e largam os esgotos na ribeira...

O Zé Luiz berrou, do fundo, já meio bêbado:

— Malandros dum raio! Vou lá e arraso tudo!

— Estamos desgraçados... — suspirou o Manel Jaquim

O Zé Luiz cada vez mais vermelho:

— Qual desgraçados! Nós somos os donos da terra. Nós somos os donos do rio. Não podem estragar o rio. Mato-os, com mil raios. Arraso tudo...

Caiu exausto no banco e recomeçou a beber.

O rádio já não se ouvia.

O vozear aumentava. Os homens amedrontados anteviam as pastagens perdidas e o gado esfomeado.

A lâmpada mortiça dançava ao vento, abanando as sombras. O João Vendeiro atarefado e rápido atende a todos, discute com este, enche a caneca àquele.

A porta da taberna abre-se, uma rabanada de vento entra e com ela o Júlio Pires. É o pescador furtivo e o vadio n.º 1 de Nagosa. Magro e silencioso, arrasta-se de noite pelas margens do Tedo e dos outros riachos e de todas as maneiras, que a lei proíbe, arranja peixe. Depois vende-o na aldeia ou mesmo lá em cima na vila.

— Fecha a porta, demónio.

O Júlio Pires não responde. Traz uma alfofa com peixe e mostra-o ao João Vendeiro. Este olha o cesto aberto. Tira um exemplar, examina-o e berra:

— Como demónio mataste tu isto?

— Uhum — o Pires parece atrapalhado.

— Bem. Apanhei-o à mão: vinha com a corrente. O Zé Luiz ouviu-o.

— Com mil raios! Peixe morto a boiar na corrente... Foram os esgotos!

Arrebata o cesto, espalha os peixes mortos pelo chão. Berra, grita.

— Vamos ter com esses patifes. Vamos todos à fábrica acabar com aquilo!

Em tropel, os homens abandonam a taberna. Espalham-se pelo adro. Vão chamar os amigos e as mulheres. Há alguém que toca o sino a rebate.

O Zé Luiz está bêbado, mas é ele o comandante.

— Vamos acabar com os malandros!

Está escuro como bréu. O vento sopra frio. Não se distinguem caras. É toda uma massa de gente que repete:

— Vamos acabar com eles!...

— Malandros! Malandros!

O João Vendeiro deixou a loja abandonada. O vento entra pela porta, abana a lâmpada. E em cima da prateleira o rádio toca sempre, sempre...

Pelos caminhos de lajes, que levavam ao rio, a multidão corre. Os homens à frente, calados e sombrios. Depois as mulheres e o rapazio, gritando, chorando, adivinhando tragédia.

Na aldeia lá para cima alguém toca o sino. Ouve-se já o ruído monótono do trabalhar das máquinas na fábrica. Um nevoeiro fino sobe do rio.

A multidão avança, tacteando com os pés as lajes escorregadias.

As máquinas matraqueiam já mais próximas. A gente avança.

e os prados

Na fábrica, o gerente Neves está mergulhado numa crise de nervos. O vozerio já lhe chega aos ouvidos. Já previa aquilo há muito tempo. Quando da construção da fábrica, indagara timidamente ao engenheiro-chefe:

— E os esgotos?

— Bem. Para principiar teremos duas cisternas de fundo esponjoso e absorvente. Se não bastarem depois se verá... Mas o remédio está próximo — e indicara o rio...

Já há 2 anos a cisterna B se tinha enchido a tal ponto que fora preciso lançar um pouco ao rio. A produção tivera de ser bruscamente aumentada. As cisternas estavam a transbordar. Telefonara para os Serviços Centrais.

— Não se deve pensar em lançar os esgotos no rio. Não há água em abundância por aqui. Para mais a pesca está proibida, para tentar o repovoamento. O povo protestará e ainda por cima teremos de nos entender com os Serviços de Repovoamento da Fauna Fluvial.

(Continua na página 10)

CANTARES DA MINHA TERRA

Apontamentos idênticos foram aqui publicados há tempos, mas uma diferença existe entre esses é os que vão seguir-se: — enquanto os primeiros estão referidos ao tempo, na quase totalidade à volta de festas populares, os presentes não têm quadras demarcadas e tratam essencialmente um só tema — o amor.

Aí vai, pois, mais um pouco do muito que o povo canta, quando alegre, diga-se, para não desmentir a composição:

Quem canta seu mal espanta,
Mentira, deixa falar.
Quem chora, sempre que canta
Não canta, chora a cantar.

Porque é minha intenção deixar para o fim tudo o que seja de carácter amoroso, anotarei agora, conquanto se não cantem, duas quadrazinhas que me foi possível copiar em duas tabernas (entrei lá por razões diferentes daquelas que o leitor está a imaginar . . .) da Coriscada:

Com isto de fiar
Duas coisas acontecem:
Fica a gente sem dinheiro
E os fregueses desaparecem!

Sou amigo do freguês,
Um grande amigo a valer,
Capaz de fazer favores,
Mas fiar não pode ser.

E digam lá agora que o folclore não retrata os povos! . . . Mas não se tirem conclusões precipitadas, porque o que aí ficou nada mais é que uma modalidade do batido: Amanhã fia-se.

E agora, para que tema tão elevado como é o amor não se suceda imediatamente ao materialismo destas quadras, transcrevamos:

Abala, abala nevoeiro
Lá para a serra do Guilherme
Qu'está lá teu companheiro
C'uma saca de dinheiro!

. . . com que nos meus tempos de miúdo, erguendo também pinocos de pedra, julgava fazer levantar o nevoeiro.

Vamos então às prometidas poesias amorosas. Ouvem-se indistintamente em qualquer época do ano e foram recolhidas na sua maioria nos CANCELLOS:

Ó ai macieira do adro!
Do adro da macieira!
Ó ai! Ó ai!
Se te deixas abanar
Já não achas quem te queira . . .

A cantilena prossegue, mas para o que me interessa basta-me a transcrição deste versos.

Vêm, como outros mais, em apoio duma convicção que se arreigara já no meu espírito: a pretensa simplicidade da literatura popular reside apenas no estilo. O povo é incapaz de abstracção, por isso as comparações fazem-se em termos concretos, mas o artifício permanece.

Mesmo a sua apregoada ingenuidade se reveste por vezes dum salzinho irreverente:

A mulher para ser mulher
Deve ter oito amores:
Dois casados, dois solteiros,
Dois padres e dois doutores.

Claro que não se traduzem sentimentos. É uma gaiata forma de provocar a severidade bondosa — parece um contra senso — de quem escuta. Um Bernardino Ribeiro não se ensaiaria para expôr o pensamento . . .

Num tronco mirrado e seco
Escrevi o nome teu.
Ao gravar tão lindo nome
O tronco reverdeceu!

. . . assim como não destoaria numa novela cava-lheiresca, tipo "Amadis" . . .

A mesma hipérbole nos surge sob outra forma em:

Alma vida e coração
Tudo, tudo já te dei.
Se tens tudo o que anima
Como sem ti viverei?

Mas leiamos agora duas quadras, que de poesia só têm a rima. . .

Ai quem me acode,
Quem me há-de acodir.
As pulgas são tantas,
Não me deixam dormir.

Eu atrás das pulgas,
Elas aos saltinhos.
Não te posso amar
Sem te dar beijinhos!

. . . sem, no entanto, deixarem de ter a sua graça!
De. . .

Ó minha pombinha branca
Andas num lameiro verde.
Trazes o bico na água,
Morres no mundo à sede!

. . . outro tanto se não poderá dizer Pombinha, branca e verde cheiram a poesia! . . .
Seguir-se-á um aviso aos solteiros . . .

A água da minha horta
Navega para onde quer.
É como o rapaz solteiro
Enquanto não tem mulher!

Entronização de um crucifixo na sala da M. P.

Sábado, dia 8, realizou-se na sala da Mocidade Portuguesa deste Liceu uma curta cerimónia, simples, embora de alto significado espiritual. Consistiu ela na aposição de um crucifixo, tendo assistido o Ex.^{mo} Sr. Reitor, algum filiados e graduados da M. P. e o sr. Padre Luís, o qual proferiu em palavras eloquentes quanto representavam de consolador para o sentimento Cristão cerimónias como aquela, para além do seu estrito aspecto formal.

Descorreu a cerimónia com bastante simplicidade, e talvez por isso ela passou despercebida do grande número dos nossos colegas. Interessa porém que o seu significado seja de todos conhecido, já que em si não passou a cerimónia de um símbolo, de uma forma, de que só a essência tem verdadeiro interesse. Ora a entronização de um crucifixo é sempre primeiro que tudo uma afirmação da Fé, e se essa entronização é feita num local consagrado à Juventude, passa a ser mais do que isso, porque no seu simbolismo envolve além da Fé o Futuro. A união dessas duas forças necessita para ser mantida de uma terceira: a Coragem. As três, sob a égide do crucifixo e ao lado do emblema da Mocidade, significam um compromisso de Amor a Deus no cumprimento do Dever, e uma orientação do Dever no sentido de Deus.

O Estado português é um Estado estruturalmente Cristão, cuja história vai buscar ao sentimento religioso a inspiração dos seus episódios mais sublimes. A nós, como portugueses, compete-nos agir de acordo com essa tradição histórica, mantendo o ardor patriótico, de carácter fundamentalmente guerreiro, ligado no Amor de Cristo, redentor, pacifista, misericordioso e compreensivo. Queremos uma Humanidade melhor, sempre melhor, e esse desejo latente em nós é o crucifixo que o vai aespertar e lhe dar forma. Como aisse um aluno aeste Liceu na breve alocução lida no início da cerimónia a que nos referimos «Te-mos na nossa vida duas ideias, duas palavras, Deus e Pátria, e essas palavras unem-se em um só nome: Mocidade Portuguesa». Nada mais verdadeiro, aesse que em todo o País, nas salas daquela organização, um símbolo afirme a veraaae dessa frase. Esse símbolo é o crucifixo.

Raul Françaes

A Semana do Ultramar

Há em todo o Mundo um tipo de homens desprezidos de preocupações mesquinhas, grandes na modéstia e na humildade, sublimes na sua obra. Para eles não interessa o cansaço porque não existe fraqueza. Inermes, penetram entre gentes selvagens, em regiões cheias de perigos, de que se defendem só com virtude. Esses homens são os missionários. Ninguém ignora o papel de extraordinário relevo desempenhado por eles na obra gigantesca da colonização portuguesa. Tendo por simples instrumento de trabalho uma cruz, estes homens percorrem terras hostis, virgens de Civilização, talhando nas almas a obra imperecível de Deus.

A eles se deve mais do que a ninguém a perfeita integração das nossas províncias na nossa cultura, e, o que é mais importante, no nosso amor a Portugal. Nada mais lógico portanto que, para falar de assuntos ultramarinos, seja dada a palavra a um missionário.

Foi o que verificou na conferência realizada este ano no salão de festas, há pouco dias, durante a semana do Ultramar. Focando o tema «Cabinda e a questão internacional da África de Hoje» o missionário conferencista, no modo simples, agradável, de exposição «em conversa», marcou-nos alguns factos muito curiosos e principalmente enternecedores da história indígena de Cabinda, depois de se ter referido à posição geográfica e riqueza agrícola dessa parcela do território português. Em seguida, fez notar a posição delicada de Cabinda entre os territórios belgas, onde a separação das raças provoca problemas graves, e os territórios franceses, onde a organização do Partido Comunista constitui uma terrível ameaça, comparando por fim a situação agitada desses territórios com a paz, a tranquilidade e a ordem das nossas províncias africanas.

Quanto à explicação dessa ordem e dessa tranquilidade talvez que ela se possa encontrar nas próprias palavras do padre missionário, ao referir o comovente episódio das manifestações de alegria desmedida, por parte dos Cabindas em territórios do Congo, quando da passagem dos nossos missionários.

Por tudo isto, a conferência realizada este ano no salão de Festas, durante a semana do Ultramar, deixará em todos os que tiveram a ventura de a escutar uma impressão profunda e duradoira.

Raul Françaes

ISTO É CONVOSCO!

(Continuação da primeira página)

família ou relações levari ao exame de 3.^a classe, ou então de 4.^a classe, ou mesmo de Admissão ao ensino liceal ou técnico, as pessoas dependentes da vossa família (criados, porteiros, jardineiros, empregados, etc.); ou algum vizinho sem instrução. Elimina nas vossas proximidades as sombras do analfabetismo. Informai O Mensageiro de todas as diligências que, pessoal ou colectivamente, directa ou indirectamente, estais a empreender, ou pensais empreender neste sentido, para que a publicação dos resultados encorage os vossos colegas e estimule o seu patriotismo concreto e criador.

É preciso concretizar, nestas coisas aparentemente pequenas, o patriotismo que nos distingue, como Portugueses. Afinal, para ser patriota não é preciso andar à espera de novas Aljubarrotas ou de novos caminhos marítimos, que não há. Temos, sim, um continente ainda por descobrir, mas não é feito de terra: é feito de cultura, de cooperação e de boa vontade. Portugal, apesar dos oito séculos, é ainda muito novo, pois a própria humanidade, com os seus centos de milénios, não deve ter chegado à idade adulta. Se tivesse chegado à idade adulta, não andaria, como anda, a experimentar destruições com uma prodigiosa fonte de energia (a energia nuclear) descoberta há pouco, e capaz de transformar radicalmente, para melhor, toda a vida humana. Apesar de todas as ameaças actuais, confiamos em que a humanidade vai entrar numa nova fase de paz e de prosperidade sem precedentes. E no nosso País, que afinal está bem habilitado pela natureza para os novos progressos técnicos, serão precisos muitos centos de milhar de especialistas, de cientistas, de artistas, de escritores, de homens que dominem a natureza e revelem o fundo do sentir humano. Elevemos o nosso povo à 3.^a classe, à 4.^a classe, elevemo-lo tanto quanto pudermos. Esse é o melhor capital que amealharemos para o futuro de cada qual de nós — e dos nossos filhos, quando os tivermos.

VITTORIO DE SICA

(Continuação da página 4)

tante trabalharem no cinema pela primeira vez, deram-nos duas interpretações absolutamente inexcusáveis. Com este filme, De Sica impôs-se definitivamente como uma das mais acentuadas personalidades do mundo cinematográfico.

«O Milagre de Milão» (1950) é talvez o filme que, nos últimos anos, suscitou maiores controvérsias. Em primeiro lugar, observemos as seguintes palavras proferidas por De Sica: «O Milagre de Milão» é um filme sem concessões de espécie alguma. Nós⁽¹⁾ dizemos tudo quanto queríamos. E a solidariedade humana ocupa o maior espaço. Recorri à ficção poética, mas não julguem que vou consagrar-me a ela daqui em diante. «O Milagre de Milão» é na minha obra um episódio fantástico, nada mais. Procurei incessantemente casar o poético e o real, e espero tê-lo conseguido.

HUMORISMO

N. do A. — Ao elaborar esta página, foi meu pensamento exclusivo e único dedicá-la aos estudantes em aflicção e cólicas.

A presente época do ano lectivo é aquela em o aluno está mais ou menos (naquele caso) liquidado, e pede ao pai para meter um explicador. Pois o «Mensageiro» resolveu simplificar essa despesa, ensinando ao menino de tudo um pouco, a fim de que ele possa passar o ano apenas com o esforço despendido até agora.

Porém qualquer semelhança ente os factos a seguir com outros já passados ou que se venham a dar são simples, pura e mera coincidência.

É que não queremos cá responsabilidades...

1.º — Preceito a cumprir em vésperas de exame: Não beber café, nem aguardente, nem ir aos bailes. Não nanorar da rua para a janela, afim de poupar a voz para a prova oral, e não escrever cartas de amor, para não estragar a caligrafia na prova escrita. Dormir doze horas por dia e outras doze por noite. Nas horas que ficam livres, alimentar-se bem, evitando o queijo porque faz esquecer a manteiga, perdão, a matéria.

2.º — Como se deve estudar: Sentado, recostado, deitado, ou em cima dum escadote (tanto faz). Convém ter sempre à mão o livro de estudo e um sítio para guardar o romance policial da «Vampiro». Deve ler-se o assunto em voz baixa e, a seguir, com músicas fáceis, a servir de mnemónica.

(Ex. Para Ciências Geográficas: «Você já foi à Bafa?»;

Zoologia e Botânica: (simultaneamente) «Paveri e papaveri» (a canção «Patos e papoulas» do filme «O Professor diverte-se»). Etc. . .)

3.º — Horário do Estudo: Antes de principiarmos, deve-

Estas palavras dão uma medida exacta das intenções que presidiram à realização da película em questão. De Sica é um verdadeiro poeta. Embora apaixonado pela realidade, preocupando-se com os problemas da sua época, apaixonou-se também pela fantasia, pelo simbolismo. É a fusão da realidade com a fantasia que «O Milagre de Milão» patenteia de forma não ultrapassada por qualquer outro filme.

Em 1951, De Sica realizou «Umberto D», que dedicou à memória de seu pai. Umberto Domenico Ferrari, professor reformado, e «Flick», um pequeno cão que é o seu único companheiro, são os personagens centrais desta película.

O dinheiro da reforma não é suficiente para o sustento de Umberto Domenico e para o pagamento do aluguer do seu quarto. Sente-se abandonado e desprezado por uma sociedade hostil. A ideia do suicídio surge-lhe avassaladora no cérebro e será o pequeno «Flick» que o chamará para a vida e para a luta. Totalmente interpretado por actores não profissionais, este filme é uma das mais vigorosas obras de De Sica.

Considero «Ladrões de Bicicletas», «O Milagre de Milão» e «Umberto D» como a trilogia fundamental.

«Estação Terminus» (1953) tratando um caso de amor impossível, embora não atinja o nível de nenhum desses três filmes, merece ser visto com atenção.

(1) Refere-se também a Cezare Zavattini, argumentista de grande parte dos seu filmes, e o seu mais precioso colaborador.

CARLOS ARAÚJO

mos ter sempre presente que «Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer . . .»

Ao meio dia — Dizer à criada que traga o pequeno almoço e o jornal da manhã.

Meia hora depois — Estudar a página do cinemas, e escolher o melhor programa para a matinée.

À uma hora — Almoçar bem, para criar forças para o estudo da tarde. Depois, um ligeiro descanso.

Às três horas — Matemática superior: dez tostões para o eléctrico, +(mais) doze para um café, +(mais) sete mil e quinhentos para uma plateia.

Das quatro às seis e meia — Tradução das palavras dum filme americano (aluno de Letras) e, no final, análise química de um cigarro «High-Life» (aluno de Ciências).

Às sete horas — Estudo, no café, de filosofia volante (se for possível consultar o Pimenta; nos capítulos respeitantes às espécies de consciência, consultar o dito.) Aproveita-se um certo lapso de tempo para se fazer a «cábula» de História.

As oito horas — Jantar e demonstração de vários teoremas com bifés e batatas fritas, pelo método de redução ao absurdo.

Às nove meia — Repouso merecido depois de um dia de tremendo trabalho cerebral.

Agora, segue-se uma série de perguntas e respostas, no género dos pontos-modelo e abrangendo algumas «cadeiras».

PORTUGUÊS:

Pergunta — O que foi o «Iluminismo?»

Resposta: Foi o período em que se descobriu a luz eléctrica.

Pergunta: O que eram os livros de linhagem?»

Resposta: Eram os livros que se usavam, com folhas de sarapilheira, quando ainda não as havia de papel!

FILOSOFIA:

Pergunta: O que é a Lógica?

Resposta: Dizem que é uma batata.

Pergunta: Defina «Consciência».

Resposta: É um rapaz cheio de bom humor. Filosoficamente é:

Se aquilo que a gente sente

Cá dentro tivesse voz...

Pergunta: Dê um exemplo dum dilema.

Resposta: A criada do meu vizinho Diz que se vai embora se não lhe pagam, mas, se mesmo for embora, não lhe pagam também...

FÍSICO QUÍMICAS:

Pergunta: Dê um exemplo de um corpo em movimento uniformemente acelerado.

Resposta: O meu gato. Quando vem comer a pescada que está na cozinha e alguém o vê...

Pergunta: Dê um exemplo duma reacção composta.

Resposta: A reacção do meu pai e da minha mãe quando souberam que «chumbei» no exame.

Pergunta: O que é, quimicamente, o álcool?

Resposta: Uma desgraça, senhor doutor.

Pergunta: O que é o chumbo? É metal ou metalóide?

Resposta: Oh! É outra grande desgraça, senhor doutor.

Se a alguém der na cabeça seguir os meus conselhos e, depois, pelo insucesso, lançar-me a culpa, declino-a inteiramente, porque isto é... humorismo...

Eduardo Pinho

CANTARES DA MINHA TERRA

(Continuação da página 7)

... porque eu não levarei nada.

"Caminho da Nossa Aldeia" ainda não desappareceu das salas medenses, mas até à data desconhecia estes dois motivos igualmente coreográficos, mas creio que próprios de romarias:

I

Gosto de ti
Ai, ó meu bem
E ri também.

Ref.

Vamos cantar } Bis
Ai, ó Maria. }
Toca a dançar } Bis
Viva a folia. }

E à noitinha
Tudo serena.
Vamos dormir
Ai, ai, que pena.

II

Quando eu não tinha
Desejava ter
Amores aos pares,
Para me entreter.

Ref.

Vai de roda em roda ;
Vai de cruz em cruz ;
Vai de braço dado
Com o seu "al Jesus".

Ainda não comprei
Mas tenho "tenção"
Um lencinho branco
Para andar na mão.

Propositadamente só em último lugar aludirei a...

Amor é arder que não se sente ;
É ferida que dói e não tem cura ;
É mal que as forças tira lentamente ;
É febre que no peito faz segura !

Singulares, verdadeiramente singulares os dois primeiros versos ! Custa a crer que o seu autor desconhecesse o soneto de Camões que começa assim:

« Amor é um fogo que arde sem se ver ;
É ferida que dói e não se sente ;
É um contentamento descontente ;
É dor que desatina sem doer »

A técnica da definição por paradoxos aparentes é a mesma, e a 1.ª parte do 2.º verso perfaz com a 2.ª do 1.º o 2.º decassílabo de Luís de Camões. Por isso e porque a estrutura métrica (só o primeiro verso não tem dez sílabas) é pouco vulgar, sendo alheia à poesia do povo, julgo-me no direito de negar à quadra em discussão a mesma autoria das restantes, ou seja, uma origem tão popular.

Eurico Consciência

Nota—Os meus agradecimentos ao meu colega e confrãneo Alcino Amado, a quem devo a obtenção de algumas das poesias que aí ficam.

A fábrica e os prados

(Continuação da página 6)

— Lance para o rio. Se o povo protestar chame a guarda. Com a gente do Repovoamento nos entendemos nós. Os nossos produtos são muito mais necessários à Nação do que os peixes do Tedo ou as hortas dos campónios. Lance para o rio e chame a guarda.

Sentira-se quase desfalecer. A fábrica ocupava poucos operários.

Chamou a guarda e abriu as válvulas para o rio.

A gente calcava agora os prados que marginavam o rio. O vulto da fábrica distinguia-se já.

Entretanto, outras pessoas tinham ouvido também o barulho dos choros.

Era o comandante da guarda que a cavalo subia a margem de rio. Era preciso intervir. Os soldados lançaram-se a galope através de nevoeiro. O vento frio batia-lhes na cara. Os cavalos tropeçavam nas irregularidades do terreno.

O vozerio estava já mais perto. A massa de gente avançava para a fábrica.

As primeiras pedras começavam a bater nas paredes, a partir os vidros.

No gabinete do gerente há um homem medroso que rói as unhas.

Os cavaleiros da guarda estão já próximos. Lançam-se a galope e metem-se entre a multidão e a fábrica.

O oficial sabe como há-de proceder. Prender um e dar uma descarga para o ar. Será o suficiente. O nevoeiro espesso não deixa ver bem as coisas. As máquinas lá dentro matraqueiam, indiferentes. O oficial estende a mão e agarra um dos homens mais próximos.

— Ei! Você aí está preso!

Há um remurejar de surpresa, depois a multidão avança indiferente, desafiando a guarda!

O nevoeiro é tão forte que nada se distingue.

É uma sombra que avança contra outra sombra.

Lá dentro os motores não cossam de trabalhar.

— Sentido! Fogo! — berra o oficial, a manápula segurando o preso.

Os tiros estouram com fragor, espalham-se por todo o vale. A massa do povo fica um momento parada, depois desconjunta-se, recua, e foge. O próprio preso dá um sacão, liberta-se e foge...

As máquinas matraqueiam indiferentes. O oficial sorri. A revolta findou.

O nevoeiro cerra-se mais forte e mais rascante. As máquinas matraqueiam eternas.

Lá em cima na aldeia, o sino toca ainda.

Papelarias Araújo & Sobrinho, Sucrs.

Sede: Largo de S. Domingos, 50 PORTO

FILIAIS: Rua de Santa Catarina, 101 e Rua dos Clérigos, 33

Fornecedor dos principais Liceus, Colégios
e Escolas de Portugal

PÁGINA DOS MAIS NOVOS

HISTÓRIA DE LOHENGRIN

RESUMO DOS NUMEROS ANTERIORES

O Conde Frederico acusa Elsa, filha do falecido Duque de Brabante, de ter assassinado seu irmão Gottfried, e reclama para si o trono. A princesa afirma que está inocente e que seu irmão desaparecera quando ambos passeavam no bosque.

O Rei Henrique pede a Elsa que designe um cavaleiro para se bater com Frederico, afim de saber de que lado estava a verdade. Esta invoca o Cavaleiro da Luz, que já lhe aparecera em sonhos. O seu defensor vence Frederico, a quem poupa a vida.

Prepara-se o casamento de Elsa, agora Duquesa de Brabante, com o vencedor do prélio, quando Ortrud, mulher de Frederico, convence aquela a perguntar o nome ao cavaleiro. Elsa porém hesita, porque o seu noivo jurava que a abandonaria se ela lhe fizesse tal interrogação... A curiosidade, no entanto venceu o amor. Lohengrin, o cavaleiro da Luz, vai partir...

ACTO III

CENA I

(Praça pública, junto ao rio. Grande ajuntamento de povo. Vários grupos conversando. Entre eles, um, constituído pelo Dapitão da Guarda e os Condes Hugo e Ricardo).

Cap.— Como estais, amigos?

Hugo— Deus vos salve! (pausa). Que dizeis acerca do caso de Elsa?

Ricardo— Consta que Elsa, embora tivesse jurado fidelidade ao noivo foi tentada por essa perversa Ortrud e quebrou o juramento. Eu, que sempre defendi Elsa, porque, entre várias razões, fui um grande amigo do falecido Duque, acho, em todo o caso, que Lohengrin encobre algo de misterioso.

Hugo— Tenho imensa pena de Elsa, uma alma tão pura como esta!

Que tremenda dor deve sofrer com a partida do seu amado!

Cap.— Não é apenas Elsa que está a sofrer por causa da partida de Lohengrin: o próprio povo anda triste. E muitos tem a convicção de qualquer coisa de

extraordinário aconteceu ao malogrado Gottfried. O povo murmura constantemente contra Frederico e Ortrud. Reparai: ali junto ao rio, de vez em quando, nota se, na fisionomia das pessoas que conversam, um ar irritado.

Hugo— Tendes razão. (Pausa) Olhai: aí vem o conde Godefredo, acompanhado de um nobre, que não distingo quem seja.

Ricardo— Parece-me que é o Primeiro Ministro da Corte.

CENA II

(Entram Godefredo e Primeiro Ministro da Corte)

Hugo— Bemvindo sejais, senhores!

God.— Deus seja convosco!

Cap.— Deveis ter vindo assistir à partida do jovem Lohengrin, não?

1.º Min.— Sim, era esse o nosso intento.

Ricardo— (Para God) — Qual é a vossa opinião acerca do estranho caso de Elsa?

God.— Disseste bem: é um caso bastante estranho! Segundo a minha opinião, nisto anda intrometida a mão de Ortrud, mulher com quem eu nunca simpatizei.

1.º Min.— Pobre Gottfried! Ainda se, ao menos, fosse vivo, para ocupar o trono de Brabante! Tanto mais que é um trabalho bastante exaustivo a gerência do ducado, para uma jovem como Elsa!

Hugo— Ela, apesar de muito amada pelo seu povo, não poderá nunca desempenhar tão bem o seu cargo como desempenharia o irmão.

Cap.— Tem também tantos inimigos!... É preciso não esquecer que o Conde Frederico deve trabalhar afanosamente para conquistar o ambicionado trono!

God.— Frederico e sua esposa estão intrometidos no caso; aquela cena do combate com Lohengrin e a derrota de Frederico bastam, creio eu, para provar a minha afirmação.

(Entra Elsa, neste momento. É saudada com simpatia e respeito por todos aqueles junto de quem vai passando. O seu rosto está profundamente triste; caminha com lentidão, mas com porte digno.)

MARIZABEL LOUREIRO

DIRECTORA DO «GINÁSIO-ESCOLA»

Ex-Professora do INSTITUTO DE ST. PIERRE DE PARIS

Rua Seraiva de Carvalho, 39-1.º—Telefone, 28926 PORTO

Meninas: Aulas de francês, ginástica, dança rítmica e clássica, 5 horas por semana — 150\$00 mensais. — Pré-infantil de 2 a 5 anos: português, francês, jogos, canções, e ginástica própria. Aulas diárias: 150\$00 mensais — Senhoras: Ginástica individual e em curso para estética e emagrecimento individual — 50\$00 por hora. Em curso de três horas por semana — 300\$00 mensais.

HORÁRIO — Meninas de 5 a 8 anos, segundas a quintas das 16 às 19 horas. — Meninas de 9 a 12 anos, Terças e Sextas das 16,30 às 19 horas — Meninas de 13 a 20 anos, Quartas das 17 às 19 horas, Sábados das 16 às 19 horas — Pré-infantil — Aulas diárias das 14,30 às 16,30 horas — Senhoras — Manhãs em horas a combinar. — Aulas — Piano e esgrima a combinar. — Francês comercial 2 horas por semana — Segundas a Quintas das 19,15 às 20,15.

QUEBRA-CABEÇAS

Secção dirigida por **Eduardo Pinho, Francisco Vasconcelos**
César Augusto e José Leão

Antes de entrarmos, propriamente, no assunto desta secção, queremos justificar um lapso que se verificou no nosso último número. Foi o caso de, à última hora, se ter de eliminar o problema das palavras cruzadas, pouco antes anunciado, por falta de espaço. Do sucedido pedimos desculpa aos nossos leitores e leitoras. Entretanto, o mesmo sucede neste número, pelo mesmo motivo.

Passemos, agora, aos trinta e quatro concorrentes que acertaram nas questões do n.º 13. Foram eles: José do Nascimento Martins Fonseca, Francisco de Brito e Cunha, Maria Fernanda Ferreira Basto, Francisco José Teixeira e Melo, José Mário Branco, Fernando Almeida Guedes de Melo, José Carlos Balacó Moreira, Augusto Batista, (?) Ribeiro dos Santos, Jorge Luís Sequeira Batista, Manuel José da Cruz Moura, José Ernesto de Mesquita Guimarães, Maria de Fátima Silva Gomes, Maria Isabel Albuquerque Vergueiro, José Duarte Lucena, Manuel Adelino Neiva Santos, Maria Helena Albuquerque Vergueiro, José Adelino Fonseca, Paulo Miguel de Andrade de Pina, Alberto António da Cunha Leão, Ruy Gonçalo Brito e Cunha, Mário Martins Costa da Rocha, Francisco José Coelho Gonçalves, Henrique Sampedro Nogueira, José Serrano, Júlio Fiadeiro Cerejeira, Luís Manuel Teles de Abreu, José Ramalho, Pedro Brumester Martins, Albino Paulo Carneiro, Marinús Pires de Lima, Ana Maria Lopes da Silva Ramos, Maria Ondina Gonçalves Teles e António Garcia Moreira.

Feito o sorteio na presença do nosso professor-orientador Dr. Óscar Lopes, foi contemplado com um livro o concorrente José Ernesto de Mesquita Guimarães, a quem pedimos o favor de nos enviar a sua morada, para que possamos enviar o prémio.

Aproveitamos o ensejo para pedir aos futuros concorrentes que nos enviem o endereço completo, portanto, com morada, a fim de, sendo contemplados e no caso de não serem alunos do nosso Liceu, poder-mos mandar o prémio sem mais demoras.

As soluções exactas eram as seguintes:

1) Liceu Carolina Michæelis; 2) Mais vale tarde que nunca ou mais vale pouco que nada; 3) Patrão fora da loja. Para a última serviam quaisquer das muitas seis palavras que todos enviaram.

As questões deste número são:

1) Charada combinada

- + LIDO—quente
 - + MARA—fruto
 - + NITO—nome de homem
 - + LAGARÇA—espécie de tecido grosseiro
- Conceito: Cachoeira

2) Provérbio a adivinhar:

G	A	G	E	A	G	O	P
1	1	1	2	1	3	1	2

(C. A.)

A cada letra que é a primeira de cada palavra, corresponde um algarismo, indicando o número de sílabas.

3) Hieróglifo comprimido:



4) Pilha de palavras:

```

      T — — — — —
    — — A
      N — —
    — — — — G —
    — — E — — —
    — — R —
      I — —
    — — N — — —
    — — — A — — —
    
```

(C. A.)

Preencher os traços por letras, de maneira a obter nomes de frutos.

5) Pergunta à memória:

Todos nós já vimos muitos filmes com o Mickey Mouse. Mas pergunta-se: quantos dedos tem ele em cada mão?

(J. M. L.)

As respostas acompanhadas do respectivo cupão, devem ser entregues no prazo de 10 dias, a contar da saída deste número. As respostas pelo correio devem ser dirigidas ao primeiro director desta secção, Rua Faria Guimarães, 1.117. E agora, boa sorte, como sempre...

SALA DE ESTUDOS

R. de Serpa
 Pinto, 73

ALA

Tel : } 42910
 } 42089

Modalidades de ensino:

Estudo diário — 17.30 às 10.30
 para o 1.º e 2.º ciclos e orientado por Prof. da especialidade

Cursos de explicação de qualquer disciplina de ensino liceal e técnico.

Estabelecimento de ensino particular—Curso de admissão aos Institutos. Nesta cidade, único no género,

Atenção: Os nossos pequenos cursos resolvem o problema dos alunos do 3.º ciclo reprovados em algumas disciplinas e de todos os que queiram estudar mesmo fora da idade escolar.